

Do Imperceptível: Uma analítica da comunicabilidade na Anorexia Nervosa

Carolina Ferreira Baptista

Trabalho Final de Curso

**Doutoramento em Ciências da Comunicação - Comunicação e
Linguagem**

Setembro, 2021

Trabalho Final de Curso apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à aprovação dos trabalhos previstos para prossecução de Doutoramento em Ciências da Comunicação - Especialidade de Comunicação e Linguagem, realizado sob a orientação científica da Professora Maria Augusta Babo.

Do Imperceptível: Uma analítica da comunicabilidade na Anorexia Nervosa

Resumo

Carolina Ferreira Baptista

A presente investigação propõe uma análise do que se designa por *dimensão imperceptível* da anorexia nervosa. Opondo-se à configuração identitária da anorexia, insiste-se na compreensão da patologia enquanto projecto de subjectivação, iminentemente dinâmico e relacional. Nestes termos, pretende-se uma problematização da auto-restrição alimentar - fundamento pulsional da anorexia - e restantes dimensões subjectivas que permitem ao indivíduo afirmar-se na condição de sujeito anoréctico.

Longe de uma historiografia dos distúrbios alimentares, a investigação aspira à articulação *sujeito-comunicabilidade-cultura*, compreendendo que a constituição subjectiva do projecto anoréctico é de natureza atmosférica. Ao analisar os elementos imperceptíveis do discurso, parte-se do levantamento e escrutínio do que é comunicado - não necessariamente dito - por sujeitos anorécticos, sendo a constituição de um *corpus* de análise uma implicação e um resultado do cuidado prestado ao lugar da *boca* nas perturbações do comportamento alimentar: ao registar-se, através da recolha de impressões em entrevistas, o discurso anoréctico inscreve-se no que permanece de intersticial na experiência anoréctica - a pulsão vivificante que se tece no *comer nada*.

Palavras-chave: *Anorexia Nervosa, Imperceptível, Linguajar, Subjectividade, Comunicabilidade*

Índice

Revisão Conceptual: uma proposta	1
1. Problematização e Âmbito	11
1.1. Enquadramento, problemática e questões de partida	11
2. O Imperceptível: o não-dito na anorexia nervosa	16
2.1. Cultura: para uma compreensão ecológica da carne	19
3. Metodologia	27
3.1. Método de Recolha e Análise de Dados	27
3.2. Estrutura da Investigação	28
3.3. Significância da Investigação	28
4. Referências Bibliográficas	30
5. Anexos	34

Revisão Conceptual: uma proposta

Definir a anorexia nervosa enquanto objecto de investigação obriga a que se tomem decisões. Em primeira lugar, decide-se quanto ao âmbito de extracção do objecto. Medicina, psiquiatria, psicologia, sociologia, teologia e literatura surgem-nos como lugares que ligam o corpo anoréctico às afecções suscitadas pelo confronto com o horror do corpo escanzelado ou com o choque que é o absurdo da fome auto-infligida, tida, no seu extremo, como prossecução de uma fatalidade determinada pelo próprio: morrer por *comer nada*. No seio desta investigação, referir-nos-emos à “configuração vulgar” da perturbação do comportamento alimentar, estando aí implícita uma inexactidão quanto ao que é a anorexia. Daqui emerge a segunda decisão, que encontra na interrogação uma via: O que é a anorexia nervosa? Qual é, afinal, a tipificação a que nos opomos? Na definição de uma estrutura de análise tripartida (anorexia, comunicabilidade e cultura), a revisão dos conteúdos que incidem no nosso objecto divide-se em dois. Em primeiro lugar, surge o enquadramento do distúrbio alimentar no âmbito que consideramos ser o seu substrato de partida: a psiquiatria, a medicina e, no fundo, o domínio das ditas *ciências naturais*, no âmago de uma pretensão de objectividade. Sendo a contaminação transdisciplinar uma valência a que aspiramos, à revisão da literatura médica e dos percursos historiográficos segue-se o desenho da subjectividade anoréctica, no seio dos fenómenos culturais contemporâneos. Nesse sentido, os eixos alinham-se com a permeabilidade da comunicação e da linguagem aos conceitos fundados na medicina, justificando-se que a literatura participe nas várias áreas do saber. Por isso, pretende-se uma extensiva revisão da concepção da anorexia nervosa e dos seus modelos explicativos, sobretudo a partir das décadas de quarenta e cinquenta do século passado, uma vez que é este o período em que surge o paradigma de natureza cognitivo-comportamental - utilizado, ainda hoje, no diagnóstico e tratamento.

O *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5) define a anorexia como uma doença do comportamento alimentar cujo diagnóstico assenta em três critérios:

“A. Restrição da ingesta calórica em relação às necessidades, levando a um peso corporal significativamente baixo no contexto de idade, género, trajectória do desenvolvimento e saúde física. Peso significativamente baixo é definido como um peso inferior ao peso mínimo normal ou, no caso de crianças e adolescentes, menor do que o minimamente esperado.

B. Medo intenso de ganhar peso ou de engordar, ou comportamento persistente que interfere no ganho de peso, mesmo estando com peso significativamente baixo.

C. Perturbação no modo como o próprio peso ou a forma corporal são vivenciados, influência indevida do peso ou da forma corporal na auto-avaliação ou ausência persistente de reconhecimento da gravidade do baixo peso corporal actual." (2013: 338-339)

A partir destes critérios é identificada a tipologia, que pode ser restritiva (F50.01) ou purgativa (F50.02). O tipo restritivo caracteriza-se pelo recurso exclusivo à dieta, ao jejum e à hiperactividade compulsiva, sem que, nos três meses precedentes ao diagnóstico, o indivíduo tenha incorrido em episódios recorrentes de compulsão alimentar ou comportamento purgativo (*binge eating*). Por oposição, na tipologia de natureza purgativa, os indivíduos manifestam, nos últimos três meses, comportamentos recorrentes de compulsão alimentar purgativa, ou seja, vômitos auto-induzidos ou uso indevido de laxantes, diuréticos ou enemas. É de ressaltar que a cessação de um baixo peso corporal (Critério A) não impossibilita a concretização do diagnóstico, estando prevista a implicação dos restantes critérios na identificação da doença: um indivíduo pode apresentar um peso corporal saudável¹ e possuir um diagnóstico de anorexia nervosa. Daí a importância das “Características Associadas que Apoiam o Diagnóstico” e que acompanham os três aspectos anteriores: sintomas depressivos, isolamento social, irritabilidade, insónia, diminuição da libido, características obsessivo-compulsivas e níveis excessivos de actividade física.

Sendo instrumento médico, o *Manual* impõe um recorte epistemológico entre o visível e o invisível, onde a manifestação reconhecível (baixo peso corporal, sintomatologia do espectro do comportamento neurótico, insónia, etc.) se correlaciona com uma ordem de aspectos imperceptíveis (perturbação na percepção da forma corporal e do peso, medo intenso de engordar, etc.). No entanto, é a descrição pouco exaustiva dos aspectos imperceptíveis que indicia que o diagnóstico da anorexia se fecha numa incompletude, justificando a remissão para os “Factores de Risco e Prognóstico” e para as “Questões Diagnósticas Relativas à Cultura”. No primeiro caso, identificam-se três factores: temperamentais, ambientais e genéticos e fisiológicos.

“*Temperamentais*. Indivíduos que desenvolvem transtornos de ansiedade ou exibem traços obsessivos na infância estão em risco maior de desenvolver anorexia nervosa. *Ambientais*. A variabilidade histórica e transcultural na prevalência de anorexia nervosa corrobora a sua associação com culturas e contextos que valorizam a magreza (...) *Genéticos e fisiológicos*. Existe um maior risco de anorexia e bulimia nervosas entre parentes biológicos de primeiro grau de indivíduos com o transtorno (...) O grau em que esses achados reflectem mudanças associadas a desnutrição *versus* anormalidades primárias associadas a esse transtorno não está claro.” (338-339)

¹ Nos critérios diagnósticos tipificados, o peso corporal permite aferir a gravidade da doença, em função do Índice de Massa Gorda: «Leve: IMC=17kg/m²; Moderada: IMC=16-16,99kg/m²; Grave: IMC=15-15,99 kg/m²; Extrema: IMC<15 kg/m²». (339)

Aqui, a tripartição dos factores de risco e prognóstico interpreta a patologia como propensão, isto é, decorrente do curso aleatório da vida pré-anorexia e sua transposição para o indivíduo. Independentemente da natureza da influência (temperamental, ambiental e/ou genética e fisiológica), a consumação da anorexia enquanto estado vivencial é entendida como uma consequência anunciada no universo de potencialidades dadas *a priori*. Este é, pois, o primeiro problema teórico que convocamos: a redução do quadro de constituição do sujeito anoréctico, que é concebido numa lógica de causa-efeito. No conjunto de problemas e sintomas encontrados, o sujeito anoréctico seria mais uma vítima da “ditadura do ventre materno”, indefeso face às características que em si suscitariam o medo em alimentar-se e a preferência pelo corpo magro. Do ponto de vista do *Manual*, isto não significa que os operadores contextuais não devam ser elencados, podendo ser enquadrados num processo de formação da subjectividade que integra o contexto, sem fazer deste uma ferramenta mecânica que traça percursos e veta os indivíduos a uma patologia para a qual estavam destinados. O problema está sobretudo no lugar de destaque atribuído aos factores ocultos: a dinâmica familiar, a predisposição genética, etc.

Anunciando um espectro de manifestações imperceptíveis que deve ser contemplado, o *Manual* introduz, por omissão, o problema da comunicação no contexto da anorexia. Não esperaríamos que um instrumento médico funcionasse no regime dos problemas que opõem *subjectividade e identidade*, tal como parece infrutífero, aos olhos dos clínicos e dos terapeutas, discutir a natureza dos discursos dos pacientes. É precisamente aí, na brecha que as Ciências da Comunicação preenchem com a riqueza das suas interrogações, que emerge a presente investigação. No manual *Comunicação Clínica*, coordenado por Carlos Sequeira, identificam-se três impasses terapêuticos no contexto médico-paciente: a situação de resistência (relutância natural ou defesa por parte do paciente), de transferência (uma resposta inconsciente em que o paciente liga os sentimentos do profissional de saúde a pessoas da sua vida) e de contra-transferência (situação de impasse terapêutico criado pelo profissional de saúde). No caso da anorexia nervosa, verificam-se os três tipos de impasse. No entanto, destacamos a resistência como a principal manifestação, ao nível da comunicação, já que encontramos, com frequência, os traços centrais da rejeição à cura:

“Omissão de informações relevantes; minimização ou exacerbação dos sintomas; evitar pensar no problema (...); Recusar-se a falar (permanecer em silêncio); Não fazer os trabalhos sugeridos; Revelar comportamento irracional; Utilizar a retórica ou a intelectualização da conversa; Não assumir a necessidade de mudança; Não estar consciente da importância da mudança; Ausência de *insight* sobre a necessidade de mudança de comportamento.” (SEQUEIRA, 2016: 146)

No confronto entre perspectivas acerca da relação *linguagem-subjectividade*, interessa uma abordagem que incida no que existe de *próprio* no discurso anorético. O que verificamos é a existência de uma articulação da inteligibilidade com o não-dito, sendo o discurso anorético a totalidade de significações presentes na instância discursiva, que não é necessariamente enunciativa ou linguística². Nesse sentido, não se assume a construção de significado na óptica da representação ou da substituição de um elemento por outro (*x* representa *y* porque *x* está presente em vez de *y*), com um fundo de referencialidade medida e imediata. Privilegia-se antes a compreensão de que é no discurso que a comunicabilidade se constrói como *presentificação do sujeito anorético*, já que é nessa implicação discursiva que se apresentam as vicissitudes paroxísticas. Autores como Jacques Derrida, Julia Kristeva, Martin Heidegger, Merleau-Ponty, Roland Barthes, Paul Ricoeur e, enfim, todo o conjunto de referências que enformam uma compreensão do *texto* na sua propensão para a *Vida*, revestem-se da maior importância se se procurar o elemento esquivo (imperceptível) da comunicação. Por isso, a nossa revisão não corresponderá a um mero levantamento do pensamento filosófico ou do projecto de enquadramento da linguagem em cada um, tal como não se circunscreve a revisão ao que recentemente foi publicado. O que pretendemos é colocar em relação o que subsiste no discurso e que permite desvelar a subjectividade anorética, ou seja, a totalidade que está no pulsional, o exorbitante que é incapaz de contenção ou cesura.

Ligando a subjectividade ao mundo e fazendo desta um *mundo em si mesmo*, a comunicabilidade transporta consigo uma preocupação quanto ao espaço da cultura. A remissão da cultura contemporânea à amálgama caótica da perda de *Sentido* não prescinde das considerações acerca do que poderá estar por trás dessa apresentação. Se o contemporâneo é caótico³, que forças juntam os sujeitos num esforço por contenção do que é estranho? Será o esforço de agregação do heteróclito uma nova unidade de significação que estrutura as práticas de subjectivação? Não existirá, de facto, uma correlação entre os comportamentos anoréticos e a consolidação de uma dinâmica cultural propriamente contemporânea - ecológica, emancipatória? É precisamente essa a pergunta que Alexandra Prado Coelho faz no texto *A Forma como me alimento é imoral?*: “Estando a comida associada ao prazer, até que ponto estamos dispostos a abdicar deste em nome de um valor mais alto como a protecção do ambiente, a sustentabilidade ou, no limite, a sobrevivência do

² Reporta-se ao que Heidegger sustenta na definição de discurso enquanto fundamento existencial da linguagem. O discurso é linguagem existencial, uma vez que os seres por ele revelados na articulação da inteligibilidade têm o *ser* do *ser-no-mundo*, isto é, o *estar-lançado* no mundo. Isto implica necessariamente o Outro, justificado pela condição de endereçamento de todo o discurso: aquilo de que se fala no discurso é sempre *dirigido-a* de uma forma particular e dentro de limites.

³ Sobre o caos contemporâneo (pós-moderno), Zygmunt Bauman opõe a ordenação moderna à miscigenação actual: “Se a ordem e a criação eram um grupo de guerra da modernidade, a desregulação e a reciclagem tornaram-se as divisas da pós-modernidade.” (2007: 45)

planeta? (2021: 106). A indagação desta relação aponta para um universo teórico onde os modelos hiper-rationais que privilegiam a interpretação do *Único* - do que é coerente, do que está presente - assume lugar de destaque, formando uma hermenêutica das estruturas de produção da experiência. Afinal, que sujeito é esse que se apresenta nas franjas de um projecto de subjectividade contemporâneo onde *comer nada* é o fundamento existencial? Recorde-se Félix Guattari, cujo pensamento incide num descentramento do sujeito para a subjectividade (enquanto *ego cartesiano* recortado do mundo), ou seja, para um projecto dinâmico de *si*. Em *Chaosmosis an ehtico-aesthetic paradigm*⁴, sublinha o carácter maquínico da subjectividade, sendo a constituição do *si* um exercício feito em enxertia: há uma virulência exercida através dos fragmentos significantes que, quando postos em circulação, se misturam em cadeias a-significantes e conduzem a uma transformação. Essa transformação, à luz da nossa problemática, pode ser lida nos contornos da anorexia, da sua exponenciação e, em último caso, da sua ligação ao ambiente cultural contemporâneo. Note-se como esta abordagem permite uma compreensão da incorporação de múltiplas unidades de significação - leais (Barthes) ou *anorexemas* (Lévi-Strauss) - na constituição da subjectividade anoréctica. Só assim poderá o sujeito anoréctico deixar de ser visto na lógica da influência, não sendo um mero resultado da assimilação das tendências familiares ou dos ideais de beleza vigentes. É, afinal, (um dos) produto(s) de uma auto-negação constitutiva que provém do dinamismo subjectivo e dos fundamentos ecológicos da cultura.

Por oposição à relação de indução que encontra no(s) sintoma(s) um caminho para a interpretação do *Sentido*, a presente investigação enquadra o comportamento e a fisionomia anoréctica na sua valência expressiva. Toda a análise historiográfica encontra na doença uma análise centrada na interpretação da rejeição do alimento e do terror experimentado na iminência do corpo engordado. Deste modo, a problemática anoréctica (o problema do *comer nada*) seria significado de uma instância repetidora do comportamento de auto-restrição, sem que a existência - do indivíduo e do seu mundo⁵ - seja acedida transversalmente. Mesmo contemplando as influências do meio, o que a compreensão vulgar propõe é um deslocamento do sintoma para a origem, num processo de extracção da verdade universal que a manifestação identificável vem expor à ciência: o indivíduo está/é anoréctico porque se alimenta parcamente, apresenta disfunções fisiológicas por desnutrição, movimenta-se até à exaustão, etc. Quer isto dizer que, enquanto patologia, a anorexia seria o resultado de uma profusão de causas cuja manifestação mais evidente corresponderia à

⁴ GUATTARI, F. (1992). *Chaosmosis: an ehtico-aesthetic paradigm*. Indiana University Press.

⁵ Compreende-se o mundo nos termos do que Ricoeur define como o que é próprio do discurso e que, no ensaio *A Fala e a Escrita*, diz ser um conjunto de referências, mais do que um objecto concreto: “o que primeiro entendemos num discurso não é outra pessoa, mas um ‘projecto’, isto é, o esboço de um novo modo de estar-no-mundo.” (2013: 57)

progressiva auto-restrição, segundo uma lógica indutiva de asserção dos postulados gerais: a magreza excessiva e a concretização do medo em alimentar-se (factos observáveis) conduzem o especialista à evidência concreta que é o comportamento anorético (consenso), aplicável da mesma forma a todos os indivíduos inscritos nesse diagnóstico. O que este exercício reflecte é uma defesa da dialéctica de auto-objectificação⁶, de onde se extrai que a ambivalência associada ao anorético resulta do confronto com um conjunto de objectos problemáticos (*corpo-objecto*, *comida-objecto*, *mundo-objecto*). A partir daí, estabelece-se que este levaria a cabo uma sucessão de interiorizações do que é dado como exterior, sendo o corpo integrado na teia de relações ambíguas que o expõem à rigidez da identidade. Por ser móvel e participante no fluxo inconstante dos processos fisiológicos, o corpo seria o reduto do caos a controlar. Como tal, o modelo identitário da anorexia nervosa (o modelo da auto-objectificação) expõe o anorético como sujeito que rejeita qualquer relação com o mundo dos objectos e, assim, se caracteriza pela negação do exterior. Estaria sempre no limiar de uma aparência de incorporação total do mundo. Uma metáfora capaz de sintetizar a auto-objectificação seria a do sujeito a devorar a própria imagem, prostrando-se nos limites do que considera ser uma representação desejável de si mesmo: ao negar os objectos temidos, o anorético comer-se-ia a si e à sua imagem, engordando-se metaforicamente num esvaziamento do corpo - *como-me a mim e ao meu corpo para não comer o que é estranho, exterior, diferente de mim*. Emman Forsén Mantilla e Andread Birgegard exploram essa interiorização do corpóreo num artigo que defende a ligação imediata entre a auto-imagem individual e as figuras de ligação primárias (o meio) e que vem determinar todo o comportamento interpessoal subsequente. Em *The Enemy Within*⁷ (o inimigo interior), as autoras destacam que a desvalorização do corpo e a depreciação dos seus atributos concorrem para uma auto-imagem negativa, nos termos de uma relação sujeito-objecto onde a parcialidade dos objectos compreendidos como corpóreos se estende à totalidade da experiência subjectiva: é por ser compreendido como nefasto que o corpo se reveste de uma negatividade que progride para a negação da própria fisicalidade e do alimento. A identidade anorética apaga toda a ambivalência que a experiência fisiológica e cultural da alimentação acrescenta, já que a ingestão de alimento é o principal catalisador dessa plasticidade corpórea.

⁶ Define-se a auto-objectificação como o conjunto de processos de identificação imediata no indivíduo. Ao identificar-se com uma figura projecta sobre e para si próprio, o sujeito anorético identifica-se e repete-se na consumação desse estatuto.

⁷ Forsén Mantilla e Birgegard defendem um modelo de projecção identitária, mostrando que as perturbações alimentares tendem a funcionar em círculo: “according to interpersonal theory, an individual may be vulnerable to ED partly because that way of treating oneself is consistent with aspects of the person’s self-image. The self-image in turn, mirrors the way the person has been treated in early significant relationships, hence the ED mimics a significant other in the sense that it continues to reinstate the already negative self-image and therefore maintains its hold.” (2015: 9)

Percebemos então que a apresentação vulgar da patologia, concebida como auto-objectificação ou relação sujeito-objecto perturbada, insiste num conjunto de concepções estereotipadas. Por isso, é natural que Mantilla e Birgegard respondam à associação entre a auto-imagem e o quadro de diagnóstico numa inter-implicação circular, onde a origem parece estar na propagação dos ideais de beleza que enaltecem a magreza e perseguem as jovens mulheres brancas dos países ocidentais. Não existirão homens anorécticos, indivíduos cuja proveniência e etnia difere da que é fixada pelo estereótipo? A metodologia empregue na constituição de amostras para estudos sobre distúrbios alimentares alicerça-se nesse pressuposto, sendo insuficiente até do ponto de vista quantitativo, tal como indicam Manfred Fichter e Herlinde Krenn, em *Eating Disorders in Males*:

“Many studies on eating disorders in males suffer from *methodological shortcomings*. As Striegel-Moore *et al.* (1999b: 410) point out, ‘this area of research is characterized by an almost complete lack of methodological consistency across research studies’. Male samples are often too small to be representative due to low prevalence rates and a higher threshold to report disordered eating.” (2003: 371)

Encontramos a mesma inconsistência na revisão feita por Eder Schmidt e Gustavo Ferreira da Mata, que, num artigo inspirado na psicanálise *freudiana*⁸, apresenta a anorexia como uma alteração, em mulheres jovens e adolescentes, na percepção subjectiva das formas corporais. Schmidt e Mata identificam quatro graus de comprometimento e tratamento: a recuperação nutricional, uma abordagem psicofarmacológica, tendo em vista a suspensão rápida dos comportamentos de recusa alimentar, o recurso à psicanálise e, por fim, à terapia familiar. De novo, a insistência na deturpação do alimento e do corpo assume que é a consciência objectal que transforma o mundo num todo apreensível, capaz de suscitar no anoréctico (anoréctica) uma diminuição do substrato nutricional, impossibilitando qualquer forma de vida normal. A via da recuperação é a mesma do diagnóstico: a identidade anoréctica, desenvolvida no eixo de uma fixação no comportamento patológico, deve ser convertida numa *identidade-recuperada*, atingida pela via da reversão do que é desviante na doença. Um problema de comida resolve-se com comida: basta que o anoréctico se alimente.

Independentemente das inconsistências encontradas no modelo da auto-objectificação, o enquadramento historiográfico empreendido pela maioria dos estudos pode ser útil para um levantamento dos mecanismos endógenos. Note-se que essa identificação permite, para além de

⁸ SCHMIDT, E., MATA, G. (2008). Anorexia Nervosa: Uma Revisão. In *Fractal: Revista de Psicologia* (2008), 20, 2, 387-400.

uma visão macroscópica da anorexia, uma atenção aos vectores da subjectividade anoréctica, desvelando-a no que se mostra e oculta incessantemente. Dos textos latinos do século I. a.C. sobre o *fastidium* (aversão à comida) à valorização medieval do jejum, a anorexia espalha-se no imaginário colectivo sob o signo da auto-restrição. São fascinantes os indivíduos que se submetem à fome por vontade própria e se mantêm num registo de magreza sobre-humana. Não é por isso incauta a associação entre o ascetismo e o jejum prolongado, tal como Rosa Behar e Marcelo Arancibia destacam em *The Espiritual Dimension of Anorexia Nervosa* ou Rudolph Bell em *Holy Anorexia*. Prevalece a convicção de que a propensão para a veiculação de um ideal ascético, capaz de exprimir uma proximidade extraordinária a um bem supremo, revela o anorético enquanto exemplo de excelência no que à vida espiritual diz respeito. Aqui, a vida espiritual não se pauta pela dedicação ao religioso, mas pela conformação com um estado de privação insuportável para a maior parte dos humanos⁹, desvinculando o anorético da vivência concreta da carne. O primeiro relato médico¹⁰ descreve, em 1689, um caso de emagrecimento extremo, decorrente de uma acentuada diminuição do apetite e de um regime prolongado de hiperactividade. Em Portugal, na primeira obra dedicada à anorexia mental, Elysio de Moura¹¹ distingue a anorexia do contexto sitiofóbico:

“Que deve entender-se por Anorexia mental? Como a palavra anorexia significa, etimologicamente, inapetência, perda mórbida, total ou parcial, do apetite, ocorre naturalmente uma resposta, categórica ou, pelo menos, conjectural - que envolve a ideia de uma equivalência sinonímica entre estas duas expressões: anorexia mental, inapetência de origem psíquica (...) O que nunca falta - fenómeno cardinal, basilar - é uma minguada alimentação.” (1947: 9).

A desproporção entre casos de anorexia em homens e mulheres conduz-nos a uma caracterização estereotipada do distúrbio alimentar, justificando que se aborde o problema na óptica das perturbações psiquiátricas em adolescentes e jovens. Gérard Apfledorfer descreve as anoréticas como:

⁹ Rosa Behar e Marcelo Arancibia discorrem sobre o eco da prática ascética na anorexia nervosa, reflectindo acerca do lugar ocupado pela simbolização nos processos de diagnóstico e terapêutica contemporâneos. Os mesmos traços da designada “anorexia espiritual” estão presentes, para os autores, nos fenómenos actuais: “Clinicians working with contemporary women with anorexia nervosa have commented on the ascetic component in the disorder, meaning their self-denial, heightened morality, opposition between body and spirit, asexuality, and denial of bodily death.” (2015: 10)

¹⁰ “No primeiro relato médico do que viria a ser nomeado anorexia nervosa, Richard Morton, em 1689, descreve o tratamento de uma jovem mulher que, rejeitando qualquer terapêutica, acabou por morrer de inanição (...) Apontava como causas para a doença as violentas paixões, o uso imoderado de destilados e o ar insalubre. Nos textos ele revela a sua estranheza e perplexidade ante o desinteresse característico que essas pacientes dispensavam a seu estado de desnutrição, mantendo-se excessivamente animadas apesar do extremo enfraquecimento.” (SCHMIDT, MATA, 2008: 391)

¹¹ DE MOURA, E. (2005/1947). *Anorexia Mental - Edição fac-similada*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

“jovens raparigas, sendo a maioria provenientes de classes sociais elevadas ou médio-elevadas, ligadas à promoção social e ao sucesso escolar, tendo um forte sentimento de competição. A jovem anoréxica típica é uma adolescente com bons resultados escolares, cujo quociente de inteligência (Q.I) é frequentemente superior à média (...) Alguém que até então era para os seus pais um objecto de satisfação perpétua.” (APFLERDORFER, 1995: 35)

Já na década de quarenta, Elysio de Moura insistia na configuração feminil da doença, esclarecendo que se trata de uma patologia “que quase só atinge as donzelas”, possuindo, portanto, uma motivação de carácter estético e, assim, “um superveniente mau estado das vias digestivas, sempre possível, será também causador duma anorexia insofisticada, que fortuitamente virá substituir ou complicar a abstenção alimentar denunciadora - tudo leva a crê-lo - dum estranhável empenho no descomedido adelgaçamento do corpo” (1947: 38). É a partir desta altura que a “busca de uma compreensão referida à expressão simbólica de conflitos inconscientes” (SCHMIDT, MATA) exporá as perturbações alimentares no quadro cognitivo-comportamental que impera hoje em dia. Sendo mais ou menos indicativa das pulsões disformes do indivíduo, a compulsão para a auto-restrição presta-se a uma reprodução das valências identitárias que permitem à comunidade científica (médica e não-médica) encerrá-la na gaveta das doenças psiquiátricas de causa difundida, exemplificativa da tensão irresolúvel entre a singularidade existencial do indivíduo e a sua pertença a um grupo, a uma comunidade e, hoje, a um mundo globalizado e hiper-esteticizado. Só assim se percebe que a tónica no aspecto físico surja como uma preocupação exacerbada pela donzela de Elysio de Moura e pela mulher emancipada da contemporaneidade: a mesma relação de auto-objectificação, a mesma terapêutica para um mesmo problema de alimentação minguada.

Começa a descrever-se um percurso diferente do da identidade anoréctica. Percebe-se até que é na prossecução de movimentos repetidos e na afirmação de um dinamismo singular que a anorexia se dá na qualidade de processo e não de identificação com um *ser-anoréctico* estanque. Poder-se-á dizer que o protocolo seguido pelo anoréctico consiste numa moral, estabelecida no secretismo que o envolve: o repúdio generalizado da aversão à comida é ignorado, perseguido e defendido pelo anoréctico. Ao definir uma moral secreta, o dogma da anorexia passa pela defesa de uma superioridade oculta. Velando-se no conforto dos comportamentos censuráveis, oculta-se também no refúgio de se reconhecer superior aos demais. É por esse motivo que tenderá a defender que o problema não está em si, mas nos outros, que não compreendem as suas escolhas, a sua visão de mundo e as formas emagrecidas do seu corpo - a face desocultada da rigidez moral da anorexia. É isso que René Girard descreve na identificação do desejo mimético na anoréctica: “Ninguém é

capaz de a convencer que está realmente doente. Em todos os esforços no sentido de a ajudarem, ela vê conspirações invejosas daqueles que gostariam de anular a sua vitória tão duramente conquistada” (2009: 31). O mesmo se encontra num pequeno relato sobre um caso de anorexia crónica¹², onde a psiquiatra Dulce Bouça relata o modo como Helena, cinquentenária forçada a ir a uma consulta pelo marido, resistiu a múltiplas tentativas de recuperação:

“Helena trazia um extenso relatório médico descrevendo uma situação somática (visível) de risco eminente de morte por desnutrição, com referência a várias complicações somáticas nos últimos anos, respiratórias, renais, cardíacas, de que foi recuperando com acentuação da magreza. Negou dificuldades alimentares, recusou voltar à consulta afirmando peremptoriamente ‘*Estão todos loucos a dizer que eu não me alimento, ninguém me controla, eu sei cuidar de mim*’.” (2018: 90)

Bouça é esclarecedora quanto ao que se deve auscultar na anorexia: “Perante uma comunicação não compreensível, o terapeuta terá que encontrar a escuta certa e a resposta mais adequada (...), isto é, com um significado que se torne significativo para desfazer o impasse no processo terapêutico” (2018: 93). A inconsistência do diagnóstico e metodologias orientadas para a cura tendem, na maior parte dos casos, para uma miscigenação entre a *identidade-a-tratar* e a *identidade-tratada*, propondo interpretar o comportamento do anorético na qualidade de significativo de um significado oculto, atrás do que concretamente se manifesta no seu corpo emagrecido. O problema da interpretação está no facto de colocar “o paciente numa situação não aberta, que limita a sua liberdade para explorar as razões mais profundas dos seus medos e pensamentos, aderindo a uma proposta externa, a explicação dada pelo terapeuta” (92). De novo, René Girard socorre-nos:

“A procura das motivações ocultas é o alfa e o ómega da cultura moderna (...) Uma interpretação satisfatória deve recorrer a uma das hermenêuticas da suspeita que se popularizaram nos séculos XIX e XX, ou a uma amálgama de várias dessas hermenêuticas: psicanálise, marxismo, feminismo, etc. Presumimos automaticamente que os fenómenos sociais têm pouco - ou nada- a ver com aquilo que é evidente, neste caso, a rejeição da comida” (pp. 26-27).

Contra esse fechamento, a nossa proposta é a da comunicabilidade imperceptível, seguindo o rasto do “deixar o impossível revelar-se como é, isto é, como impossível” (Bouça *apud* Marcus Heinimaa, 2018: 93).

¹² BOUÇA, D. (2018). Compreender a Dor a Propósito de um Caso de Anorexia Nervosa Crónica, *Philosophica*, 52, 89-97. Departamento de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

1. Delimitação do âmbito

1.1. Enquadramento, problemática e questões de partida

A que reportará a *palavra*? A um único lugar? A um sistema, a um aparelho ou a uma instituição? A um sujeito? A vários conjuntos de experiências e de lugares? Alojarse-á o posicionamento de um enunciado no espaço e no tempo da sua enunciação, constringindo-se e constringendo os trâmites do momento em que acontece? Para François Flahault existe uma sujeição a um *lugar desfasado*¹³, não havendo para o sujeito nenhum local onde a sua identidade se estabeleça e que não pertença a um sistema de lugares - lugares dados na e pela linguagem. De que serve a ideia de um lugar? Serve, pois, para dar conta do que aqui se arguirá: a inextricável simbiose entre comida e palavra, dita e não dita, resultante do ónus espacial de que ambas as experiências partem: a boca. Comer e falar, não comer e não falar são, simultaneamente, comportamentos, gestos e discursos, estando a significação alojada em lugares desfasados sob a égide da figura da *boca*, que se abre e fecha. Que essa relação se ilumine em determinadas perturbações parece óbvio, sobretudo quando se anuncia a emergência das doenças do comportamento alimentar enquanto índice de uma ruptura macroscópica na cultura contemporânea: uma ruptura com as fórmulas estruturantes, com as narrativas agregadoras e com os princípios teleológicos que encontravam na alimentação e, sobretudo, na refeição uma instância do que era próprio do espaço intrínseco da cultura. Hoje, a sobre-ingestão alimentar, a manutenção de um estado de privação prolongado e a intermitência entre comer muito e o acto de restrição (auto)forçada integram o espectro de comportamentos indicativos de uma relação obsessiva e compulsiva com a alimentação, cuja análise deve ser feita à luz da sua própria comunicabilidade. É por este motivo que não se procura interpretar comportamentos ou modalidades de enunciação, mas organizá-los numa perspectiva analítica que os enquadre no seu acontecer, no seu dinamismo e, portanto, no quadro de um processo de subjectivação mais amplo. Não se trata de encontrar uma matriz totalizadora, passível de discernir enunciados proferidos na amálgama patológica e, assim, propor uma terapêutica de reprogramação da ontogénese individual. O que se pretende é a reunião da palavra e da comida, onde a figura *boca* condensa traços da temporalidade propícia à desintegração dos sujeitos por via das patologias, sem que a análise se esgote unicamente num mapeamento da cultura. A boca é o território de ocupação

¹³ FLAUAULT, F. (1979). *A Fala Intermediária*. Lisboa: Via Editora

da subjectividade comida e falada, tal como Brandon LaBelle¹⁴ (2014) esclarece quando deslinda o cruzamento da multiplicidade que nela se reúne. Em suma, delimita-se a constante miscigenação do que é tratado separadamente, num encontro onde a alimentação e a discursividade se misturam, encontrando-se no espaço que funda não só os comportamentos correspondentes (comer, mastigar, cuspir, morder, falar, etc.), mas também os gestos velados¹⁵ (regurgitar, esconder, silenciar, suprimir). A cavidade bucal é *locus* de afecção, anuncia o que nela entra e sai e permite uma compreensão da alimentação e da fala afecta à sua mistura, de onde se extrai que o estatuto comunicacional das perturbações se forma no caos do bolo alimentar.

Se a discursividade da anorexia deve ser enquadrada numa analítica e não numa hermenêutica, importa justificar o objecto de estudo. Do conjunto das doenças e dos comportamentos passíveis de integrar a esfera patológica, porquê investigar a anorexia nervosa? Em primeiro lugar, porque a natureza dos seus mecanismos releva de uma excessiva preocupação com a esteticização do que entra e sai da boca. A definição proposta pelo Grupo de Estudos das Perturbações Alimentares (Universidade do Minho) emparelha a anorexia nervosa e a bulimia nervosa, estabelecendo uma diferença de natureza quantitativa (sobre-ingestão alimentar) e qualitativa (integração de estratégias compensatórias e a natureza intervalar dos períodos de privação e ingestão) entre estas. Aliás, é por serem de ordem supressiva, em vez de somativa, que os comportamentos compulsivos são de difícil escrutínio. Note-se que a alocação da fartura ao lar burguês prestava-se a uma primeira formulação da obtenção da comida, sendo a principal refeição da família aquela que decorria em casa, ao final do dia, fora de qualquer esforço exercido pela classe na preparação e apresentação do manjar. Pela primeira vez, a comida surgia na sua forma esterilizada e esteticizada, de onde se infere que a revolução gastronómica que o restaurante operou nas metrópoles europeias do século XIX desempenhou um papel fulcral: a refeição chega já pronta, sem os ritos de confecção e de consumo que presidiam a todo o hábito alimentar em torno do qual a comunidade se agregava. Ora, é essa progressiva formalização da alimentação - nos termos de um afastamento do humano, da experiência relacional, funcionando ao nível do conceptual (comida como objecto apreensível) - que evoluirá para uma higienização dos os alimentos, onde estes, para além de não serem plantados, colhidos/caçados/pescados e confeccionados pelos indivíduos, se revestem de uma teia de significados onde o *cuidado de si* prevalece como troféu do

¹⁴ LABELLE, B. (2014). *Lexicon of the Mouth: Poetics and Politics of Voice and the Oral Imaginary*. Londres: Bloomsbury Academic.

¹⁵ A título de exemplo, cita-se o artigo *Chew and Spit (CHSP) in bariatric patients: a case series* (2021), que se foca exclusivamente nos comportamentos purgativos espontâneos: "Studies into CHSP have reported individuals with EDs, adolescents and young people, and those who may have particular dietary requirements due to surgical interventions or other medical necessity are more likely to engage in CHSP behavior." (AOUAD, P. et al, 2021: 2)

posicionamento sócio-económico. A fartura dá lugar à privação auto-forçada, a um eixo de práticas que profetizam corpos de contornos estanques e discursos circulares de confirmação das verdades, generalizadas a propósito do que se pode, deve e quer comer. No espaço heteróclito dos *media*, o incentivo à auto-restrição é acompanhado por alterações sustentáveis no que ao estilo de vida diz respeito, procurando aliar-se o princípio da responsabilidade cívica com a pantomina liberal da condução do próprio destino¹⁶. Nesse sentido, a anorexia, na sua disposição para a exponencial rigidez comportamental, é a patologia coincidente com os moldes de funcionamento da cultura, não porque faz prevalecer, como sugere a teoria feminista, um ideal de beleza único, mas porque a alimentação e as subjectividades se plasmam no mesmo discurso colectivo: comer o suficiente, que é, claro, comer a menor quantidade possível. Esta discursividade própria da subjectividade anoréctica é o ponto de partida para uma reflexão acerca da comunicabilidade, que, por ora, é o fundamento do dinamismo contemporâneo *per se*.

A anorexia nervosa, nos seus enquadramentos teórico, clínico e terapêutico commumente disseminados, é entendida enquanto perturbação na relação entre um sujeito (sujeito anoréctico) e um conjunto de objectos (comida, *corpo-como-objecto*, etc.). Nessa acepção vulgar, traduz-se numa identificação do sujeito anoréctico com uma representação que realiza de si mesmo: a prossecução de uma imagem idealizada (auto-objectificação) justificaria a manipulação do corpo por via da auto-restrição, inferindo-se que esta compreensão encontraria na auto-objectificação uma elencagem dos elementos comunicáveis (*comer-não comer, falar-não falar*) que participam na relação problemática com a comida. A partir daí, forma-se a identidade anoréctica, que é posta em circulação e apreendida pela cultura num mapa de figuras estereotipáveis: a jovem mulher¹⁷ preocupada com as formas do corpo, cujo comportamento seria fruto de uma desvirtuação do apreço naturalmente atribuído pelos elementos do meio, em consequência de uma profusão de estímulos de natureza distinta (o culto da magreza disseminado pelos *media*, um núcleo familiar que propicia esses comportamentos, a imersão nos regimes dietéticos dos pares, etc.).

¹⁶ Num artigo publicado a 27 de Agosto de 2021, a revista do semanário *Expresso* relatou um conjunto de estudos acerca dos efeitos da redução calórica na longevidade: “O conceito de uma redução na ingestão de alimentos retarda o processo de envelhecimento e o declínio associado à idade e ainda estende a expectativa de vida de organismos de diversos grupos de animais é um dos principais paradigmas da gerontologia. Pelos menos desde 1935, quando um cientista chamado Clive McCay publicou uma descoberta surpreendente: segundo as suas pesquisas, ratos com dietas severamente restritivas viveram até mais 33% do que se sabia ser possível.” (Tonon, 2021: 33)

¹⁷ O artigo *Gender differences in symptom presentation and treatment outcome in children and youths with eating disorders* é particularmente esclarecedor quanto à relevância do estereótipo, enquadrando as doenças do comportamento alimentar para lá de uma perspectiva iminentemente feminina: “A recent study on prevalence of eating disorders in adolescents indicated that the point prevalence of eating disorders in adolescent boys was 12.8%, supporting the need to ensure representation of males in eating disorder research and dispelling the myth that eating disorders in males are rare.” (Coelho, J.S., Suen, J., Marshall, S. *et al.*, 2021)

Um primeiro problema emerge nesta apresentação. Se a anorexia nervosa correspondesse a um modelo de auto-objectificação, bastaria que a terapêutica propusesse a substituição da imagem idealizada por uma outra: a imagem do *sujeito recuperado*. Desta insuficiência emergem duas hipóteses: a anorexia nervosa é um projecto de subjectivação e, portanto, qualquer modelo identitário não resolve a trama dos modelos de insuficiência convocados pela reprodução de imagens e, por outro lado, a subjectividade anoréctica desvela-se na ambivalência entre o imediatamente perceptível (o visível que são o corpo magro, os comportamentos observáveis, etc.) e o imperceptível (da ordem do semiótico, dos processos, das relações captadas na sua globalidade), ligados na experiência difusa da boca. Desta forma, a problematização permite introduzir a imperceptibilidade enquanto dinâmica capaz de explicar a totalidade do projecto de subjectivação. Afinal, só assim se exprime aquilo que se concretiza na subjectividade anoréctica, sendo o seu elemento imperceptível de natureza semiótica, já que ao encontrar os parâmetros de afectação reunidos num paradigma de estruturas téticas (o paradigma de conceptualização vigente) se dirige a atenção a tudo o que extravasa essas estruturas ou está aquém delas. Constituem exemplos, ao nível do discurso, os padrões de repetição, a condensação e denegação (partindo da óptica *freudiana*, mas sem nos fecharmos no modelo psicanalítico), as agramaticalidades, o(s) deslocamento(s), as interrupções e suspensões e, por fim, o(s) paroxismo(s).

De uma forma estruturante, a problematização em curso divide-se em três problemas teóricos: o problema da subjectividade anoréctica, a sua concepção ao nível comunicacional (o imperceptível) e, por fim, a correlação cultura-anorexia. No primeiro momento, trata-se de delimitar o processo constitutivo da subjectividade anoréctica, que corresponde a uma auto-negação produtiva onde *comer nada* é constituir-se. Aqui, *comer nada* não é o único subterfúgio da subjectividade, aliando-se a uma miríade de comportamentos pertencentes ao espectro da compulsão e da obsessão¹⁸ (comportamentos purgativos, excesso de exercício físico, cortar alimentos em fracções pequenas, tendo em vista a multiplicação do que é ingerido, etc.). Depois, ao procurar a modalidade comunicacional da anorexia, aspira-se ao estabelecimento de uma correlação *comer-falar*, sendo aí que a figura *boca* se constrói e constitui como espaço ambíguo.

¹⁸ Dorothée Legrand (2011) defende a possibilidade de a anorexia não ser recusa de comer ou uma negação da actividade, mas um acto de *comer nada* (*no-thing*), um nada que existe simbolicamente. *Comer nada* significaria rejeitar a objectificação da subjectividade, permitindo ao sujeito *ser* sem corpo. Ao aniquilar o objecto (comida) que materializa a sua dependência às necessidades corpóreas e a sua dependência ao Outro, o anoréctico constrói uma resposta perfeita à falta de autonomia, estabelecendo-se como sujeito autónomo.

Por fim, no estabelecimento de uma relação entre o ambiente cultural contemporâneo e a dimensão epidémica¹⁹ da doença, a investigação apresenta uma compreensão atmosférico-ecológica²⁰ da anorexia. Importa referir que a insistência na reformulação do enquadramento parte do reconhecimento de insuficiências nos modelos utilizados para explicar, diagnosticar e tratar. Com particular incidência nos problemas convocados pelo (nosso) modelo analítico, é ao nível da conexão entre a comunicabilidade anoréctica e a comunicabilidade contemporânea²¹ que o elemento imperceptível parece emergir: o sujeito anoréctico não integra por osmose as tendências culturais do seu tempo, constituindo-se na liminar valorização de si por si. A subjectividade anoréctica é uma economia do próprio, formada na integração maquínica dos fragmentos inerentes ao ecossistema cultural. Não há uma lógica macro e microscópica capaz de discernir a união de influências que geram um quadro patológico: é a própria disposição atmosférica da subjectividade que os incorpora e mescla. É ser anoréctico como ser projecto de si mesmo. Por isso, só uma analítica da comunicabilidade anoréctica poderá aceder aos operadores de sentido emergentes na anorexia. A problematização aqui explanada poderá condensar-se nas questões registadas no Anexo 1.

¹⁹ Não é consensual a consideração de que a anorexia nervosa se estende, hoje, ao nível de uma epidemia. No entanto, serve a ideia de uma disseminação exponencial dos padrões comportamentais anorécticos como atestado de compatibilidade entre os fundamentos culturais que os propiciam e a força subjectiva que motiva a incessante relação alimentar do *comer nada*.

²⁰ Na obra *Climate and Culture*, a compreensão da experiência humana no clima, de acordo com Watsuji Tetsuro, não se cinge a uma relação sujeito-objecto, compreendida na apreensão dos fenómenos naturais. Toda a actividade humana, enquanto auto-reflexão, é fenómeno climático: «The activity of man's self-apprehension, man, that is, in his dual character of individual and social being, is at the same time of a historical nature. Therefore, climate does not exist apart from history, nor history apart from climate.» (1961:8)

²¹ Sustém-se uma correlação entre contemporaneidade e os distúrbios alimentares, inaugurando-se uma compreensão da experiência humana enquanto totalidade integrada. É por não se reconhecer utilidade às abordagens que separam o mundo do sujeito do mundo dos objectos que se pretende a definição do contemporâneo como «nosso» tempo.

2. Do Imperceptível: o não-dito na anorexia nervosa

“A anorexia mental tem quase sempre um começo insidioso e imperceptível.”

Elysio de Moura, *Anorexia Mental*.

“À luz da sombra se revela algo mais profundo que a contemplação directa da luz, na medida em que o invisível é uma dobragem do visível, ao qual acedemos ou captamos de um modo perfilado ou por esboços.”

João Paulo Costa, *À Sombra do Invisível*.

A ideia de uma investigação propor uma cisão com o que a antecede ou com as condições gerais do campo em que se impõe denota audácia, obrigando-a ao exercício de demonstração de originalidade que afirma como sua. Recoberta de uma intenção fulminante - porque desloca o que é tido por solo do âmbito científico onde se incrusta -, essa ruptura mais não é do que o logro da sua prossecução, uma vez que todo e qualquer empreendimento investigativo é incapaz de abdicar daquilo que vem questionar, ou seja, da estrutura que lhe serve, nos termos da tradição metafísica, como ponto de partida. Dá-se o caso de todo o ponto de partida ser já um *no-meio*, sediado nesse espaço intersticial que é a imersão na diferença da *não-origem*, tal como Derrida dá conta. Por isso, o que aqui se propõe fazer não é uma ruptura com os estudos defendidos e que constituem o *corpus* da anorexia nervosa - a *episteme* do que se reúne em torno do objecto tal qual se apresenta e se presta à reflexão. Este pressuposto não pretende reconhecer, na ânsia de um espírito beatífico de afirmação do intelecto alheio ou da importância da comunidade científica, que tudo aquilo que é ou foi dito sobre a anorexia servirá de fundamento ao exercício de reflexão empreendido. Antes de mais, a assunção de que não pode existir uma cesura final, tida como corte disruptivo com o passado ou com o presente, tem por finalidade uma outra possibilidade: encontrar nos discursos estabelecidos uma inconsistência que é, afinal, a própria imperceptibilidade da anorexia. Este é o objectivo da investigação e o solo fértil que justifica - ou pretende justificar - o lugar da sua importância.

Em primeiro lugar, supõe-se que ao leitor suscite alguma inquietação a busca de uma dimensão imperceptível, tal qual se encontra plasmada no título. *Uma analítica da comunicabilidade imperceptível*. Ao convocar-se uma dimensão imperceptível, impõe-se a obrigatoriedade quanto ao âmbito ou à natureza dessa imperceptibilidade. Afinal, trata-se de uma reconstituição do que de oculto pode subsistir na anorexia? Será uma filiação à tradição que

encontra na *presença* a base do edifício de uma estrutura centrada (Derrida)? É o imperceptível uma vertente semelhante ao invisível, ao que está por desvelar, ainda que se encontre já implicado na variação do que se manifesta no visível? Será, finalmente, o reduto do sujeito que enuncia a própria anorexia? De que forma se liga essa imperceptibilidade à comunicação? A partir de Deleuze, o filósofo José Gil escreve:

“As concepções tradicionais do transcendental impunham uma alternativa que Deleuze recusa liminarmente: ou se definem as singularidades como um Eu (nos seus dois regimes de um ‘Je’ formal e de um ‘Moi’ substancial), quer dizer, de um indivíduo ou de uma pessoa, ou se entra num ‘abismo indiferenciado’ que (...) Contra uma tal imposição, o pensamento da diferença afirma as singularidades pré-individuais, o pré-pessoal ou impessoal, uma intensidade microscópica, uma emoção, um afecto, uma aceleração inconsciente do pensamento, uma claridade num fantasma, um ângulo indefinível num sonho.” (GIL, 2008: 119)

A intenção que motiva e define a ossatura desta investigação corresponde a uma edificação do imperceptível - esse espaço de interrogação que encontramos em Deleuze e Guattari²² -, tido no descentramento da origem e que permanece no exercício da subjectividade: a propensão para o relacional e para o que nos processos de subjectivação articula o dito com o não-dito. Não é o invisível que se mostra na descrição dos seus elementos ou o fundamento que, quando analisado nas suas relações menos óbvias, permite alcançar uma dimensão nova, inevitavelmente disruptiva pela sua capacidade de iluminar territórios, levantar problemas e, enfim, estreitar caminhos que transformem a vida concreta dos indivíduos. O que a defesa do imperceptível permite é confirmar o que está em *presença*²³, sem que seja necessário o emparelhamento com uma ausência ou uma falha. Se se preferir, é na plenitude diferencial que o imperceptível revela a ausência como presença, já que o que parecia estar ausente esteve *aí* desde o início, em movimento e sem se estabelecer num ponto central e único. Início, meio e fim. Em suma: uma ausência que se presentifica não por se desvelar ou por se descobrir através da análise empreendida, mas por não existir uma plenitude a que deva consagrar-se o lugar final da descoberta científica. Não se está à

²² Em *Mil Planaltos*, Deleuze e Guattari propõem uma relação inextricável entre movimento e devir-imperceptível, justificando que essa relação se estabeleça para além do universo imediato da percepção: “O movimento está numa relação essencial com o imperceptível, é, por natureza, imperceptível. É que a percepção só pode apreender o movimento como a translação de um móbil ou o desenvolvimento de uma forma. Os movimentos e os devires, isto é, as puras relações de velocidade e de lentidão, os puros afectos estão por baixo ou por cima do limiar da percepção. Os limites da percepção são, sem dúvida, relativos (...) Mas o limiar adequado, por sua vez, só poderá proceder em função de uma forma percepção e de um sujeito visto, apreendido.” (2007: 357)

²³ Socorremo-nos da aceção tradicional e historicamente veiculada pelo pensamento ocidental sobre o que é a presença.

procura da justificação ou da origem da anorexia, seja na sua dimensão social-história-cultural, seja nas vicissitudes dos casos isolados, tipicamente ligados à experiência doméstica do lar. O não-dito compõe a ausência, que é marca imperceptível da mesma forma que o dito, isto é, o que se dá na concretude dos enunciados identificados e registados e que pertence à comunicabilidade anoréctica. É precisamente essa apologia do que está em relação e que compõe o discurso que Foucault sustenta n' *Arqueologia do Saber*: "O enunciado não é assombrado pela presença secreta do não-dito, das significações ocultas, das repressões; pelo contrário, a maneira como esses elementos ocultos funcionam e como podem ser restituídos depende da própria modalidade enunciativa²⁴" (2005: 151). Todo o ausente, soçobrando no que se mostra determinante numa modalidade de comportamento anoréctico, é uma forma de presença, não no sentido que tradicionalmente se atribui a esse termo, mas na constatação de que é uma afirmação espontânea de algo que escapa ao sentido original (*Sentido*). Não existe, portanto, uma configuração da anorexia que a enquiste numa única descoberta, fazendo-se acompanhar de um diagnóstico correcto e de uma terapêutica adequada à condição patológica *per se*. Ao problematizar a própria determinação patológica põe-se em jogo uma outra modulação do que o sujeito anoréctico é: *sujeito*, afirmado na dimensão acontecimental da sua subjectividade e não uma extensão de um ramo de identidades, passíveis de desenterrar resquícios de uma acepção *psicologizante* ou *sociologizada*. Uma ruptura com o campo dos estudos vigentes trataria de mostrar de que forma uma nova informação poderá esclarecer as dúvidas, as incongruências e os paradoxos suscitados pela patologia. Por oposição, uma analítica do imperceptível tratará de reunir as marcas aparentemente incompatíveis, os elementos que escapam ao diagnóstico e os que o integram, revelando de que forma o próprio discurso se mostra anoréctico, ou seja, participante da subjectividade que sustenta a prática enunciativa. É à modalidade enunciativa da anorexia nervosa que nos dirigimos, ou seja, ao que imperceptivelmente se joga nos discursos que *falam dela, a partir dela* ou *nela*.

²⁴ "Todavia, a todas essas modalidades diversas do não-dito (...) devemos sem dúvida acrescentar uma falta, que em vez de ser interior seria correlativa a esse campo e desempenharia um papel na determinação da sua própria existência. Mas não devemos confundir, nem no seu estatuto nem no seu efeito, a falta característica de uma regularidade enunciativa e as significações contidas naquilo que aí se encontra formulado." (FOUCAULT, 2005: 152)

2.1. Cultura: a compreensão ecológica da carne

A experiência alimentar excede as considerações sobre o alimento. Este, na sua dimensão material (*objecto-alimento*²⁵), não satisfaz as interrogações suscitadas pela tensão *corpo-como-sujeito* e *corpo-como-objecto*²⁶, que, na tentativa de análise da experiência, escapa ao conjunto de oposições dicotómicas que estabelecem o alimento no exterior de um sujeito consciente, racional, alimentado por uma escolha que é sua - o *seu* comer. O facto de este não se fechar nos problemas introduzidos pela sua função ou por uma acepção material torna-o objecto de um pensamento que não se atém à ambiguidade das abordagens que lhe dizem respeito: a sua importância está justamente na cisão que opera com os esquemas que, das ciências exactas às humanidades, o encerram no âmago da objectividade. Contudo, esta afirmação não procura um diagnóstico do que se desvela no espaço da cultura e que, à suposta falta de questionamento, se cinge a uma dinâmica de influência directa entre os estímulos que o transem (as tendências acerca do que se pode/deve comer, o estabelecimento do gosto, os padrões sócio-económicos que enformam as escolhas alimentares, etc.) e as forças interiores que constituem a singularidade da experiência alimentar (as preferências, as alergias e intolerâncias alimentares, etc.). No estudo da alimentação, parece subsistir a dúvida quanto à proveniência das decisões acerca da comida, assemelhando-se essa inconstância ao problema que, no Ocidente, assombra todo o pensamento com o fantasma da origem²⁷. Talvez seja redutora a convocação do interstício para resolver a indecisão, mas, na verdade, o que aqui se enceta é a possibilidade de a alimentação figurar na qualidade de experiência *per se*, ou seja, no limiar da diferença que impõe relações e movimentos, mais do que objectos concretos, uma atitude que encontre na alimentação uma troca²⁸. Isto significa que o perigo do *rasto*, da marca que introduz uma exterioridade que desloca as justificações matriciais e os

²⁵ Para efeitos de circunspeção, o *objecto-alimento* corresponde ao que é apreendido, na análise do comportamento alimentar, enquanto objecto preparado, ingerido, incorporado e/ou expelido. Trata-se do objecto estritamente relacionado com os processos orgânicos, aos quais se associa a ideia generalizada de que o alimento satisfaz uma necessidade vital.

²⁶ “It appears here that, on the one hand, the *body-as-subject* and the *body-as-object* are in tension with each other, while on the other hand, this tension, as radical as it may be, does not lead to the subject to seek the eradication, but rather the controlled transformation of the *body-as-object* and its image. It is not accidental that this self-transformation is operated through a hyper-controlled eating behavior.” (2011: 521)

²⁷ “All the metaphysical determinations of truth, and even beyond metaphysical onto-theology that Heidegger reminds us of, are more or less immediately inseparable from the instance of the logos, or of a reason thought within the lineage of the logos, in whatever sense it is understood.” (DERRIDA, 2015: 11)

²⁸ Thomas Macho, no artigo *A Crítica Metabólica de Pasolini*, identifica três atitudes possíveis em relação às práticas alimentares: “A primeira atitude poderia ser designada por inclusão, ou - recorrendo à terminologia psicanalítica - introspecção, e a segunda por exclusão, procurando seguir o ditado que orienta os ideais imunitários: a ascese anseia por pureza. Uma terceira atitude, talvez mais antiga, compreende a alimentação como um intercâmbio com o mundo - como metabolismo - do grego μεταβολη, ‘mudança’ -, como uma forma de comunicação.” (2021:146)

fundamentos, mostra que o alimento não é apenas *objecto-alimento*, mas traço de uma cisão que é sempre o fundamento do alimentar, tido na sua perpetuação enquanto espaço e momento de subjectivação: o espaço da exterioridade máxima e de singularização extrema, sendo gesto de levar à boca o mundo.

Dá-se então uma progressiva desvirtuação da participação dos indivíduos na singularidade (sua e colectiva), orientada, à semelhança de outros acontecimentos e fenómenos culturais, para a hipersincronização:

“A hipersincronização é o que tende a eliminar a diacronia do nós, isto é, a consciência dos eus, graças a uma submissão do dispositivo cardinal-calendário, cujo sistema meta-retencionário constitui, aos critérios da esfera económica, logo, por uma integração e uma submissão das mnemotécnicas ao sistema técnico mundial de produção dos bens de consumo.” (2018: 133)

Descrita por Bernard Stiegler em *Da Miséria Simbólica*, a hipersincronização é um processo transversal à formação da identitária contemporânea. Contra o excesso e na sua propensão para a criação, a hipersincronização vetaria o humano à simultaneidade da semelhança higienizada, à repetição de comportamentos, de escolhas e, enfim, de mecanismos de formação da identidade. O exemplo utilizado pelo filósofo diz respeito à simultaneidade no acesso a conteúdos televisivos, cuja orientação será a padronização das escolhas, tendo em vista a exponenciação do consumo de bens e serviços. Ao acederem às mesmas propostas, os indivíduos anulam as dinâmicas de subjectivação que os distinguem na sua singularidade, já que são compelidos a vestir as mesmas roupas, mobilar as suas casas de acordo com as mesmas tendências de decoração e, claro, a alimentar-se de acordo com os padrões que o mercado global determina como preferíveis (sustentáveis, saudáveis, ecológicos, saborosos, rápidos, etc.). É por isso que Stiegler opõe a singularidade subjectiva à mecânica das pulsões identitárias, passíveis de reprodução e mimetização infinitas. Note-se como este fenómeno de repetição mecanizada condiciona os comportamentos alimentares contemporâneos: recebendo as mesmas missivas do(s) mercado(s) e unidos pela rede global, supõe-se que os indivíduos acedam aos mesmos alimentos, de acordo com o receituário consumista que se estende para lá dos locais de proveniência geográfica, substituindo-se às práticas de preparação e aos rituais de partilha que estabeleciam a refeição como momento e lugar de partilha. Ao anúncio do fim da cozinha tradicional soma-se a artificialização da alimentação, operada no seio do que o hipercapitalismo incentiva, por exemplo, na replicação de produtos açucarados:

“Quanto mais uma sociedade ‘progrediu’ mais ela revela traços infantis (...) É isso que testemunham (...) o gosto pelos produtos açucarados e a *junk food* (comida lixo), em detrimento dos alimentos amargos e/ou subtis, como certos vinhos tradicionais (substituídos por vinhos com sabor a pêssego ou a baunilha) e certos queijos artesanais (por vezes proibidos por motivos de higiene).” (2019: 244)

Anselm Jappe²⁹ expõe o contexto de privação sensorial que alia a motivação económica do lucro à infantilização generalizada da população no Ocidente, reflectida num processo de esvaziamento da educação do paladar das crianças. À primeira vista, a constituição do paladar corresponde a “soluções ‘regressivas’ ou ‘evolutivas’ dadas pelas diferentes culturas àquilo que constitui um ponto de partida do processo individual da humanização³⁰” (2019: 192). A criação de um espaço social é acompanhada de uma insistência na relação estabelecida e que encontra na alimentação um ponto de articulação entre o que é propriamente individual (o meu corpo) e o que se dá na exterioridade do vínculo (o alimento, a mesa da refeição, a família, a cultura a que pertença ou aquela a que adiro por via da alimentação, etc.). Quer isto dizer que a abstracção da alimentação, desdobrada num conjunto de prescrições que encapsulam tendências partilháveis, tenderá para a supressão do que ligava o indivíduo à experiência social da cultura. Comer demasiadas bolachas pré-fabricadas ou seguir uma dieta (hiper)proteica constitui um mesmo processo de anulação da alteridade. Num artigo recentemente publicado no jornal *The Guardian*, Sirin Kale explora o consumo generalizado de proteína enquanto produto da cultura de dieta:

“If we don’t need to eat all this protein, why are we devouring so much? For many, it’s the pursuit of the body beautiful. The word *protein* semaphores virtuous self-restraint, visibly striated musculature and pert buttocks. Protein is eating clean and boutique gym memberships. Protein is nut bars nibbled elegantly between MacBook-led meetings. When we reach for protein-rich snacks, what we are really reaching for is a thinner version of ourselves, even if we substitute the word *thin* for other, more socially acceptable adjectives: lean, defined, fit!”³¹

Assim, não é apenas o esquecimento do receituário tradicional que deve preocupar todos aqueles cuja valorização da alimentação antiga é bandeira, mas antes o resvalar desse

²⁹ JAPPE, A. (2019). *A Sociedade Autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. Lisboa: Antígona.

³⁰ “Uma vasta indústria multinacional, do *fast-food* aos produtores de bebidas açucaradas e de bolachas, mobiliza meios enormes para manter os ‘consumidores’ neste estado de privação sensorial. Mas, para além do aspecto estritamente económico, isto faz parte de uma infantilização geral ligada ao narcisismo” (2019: 192).

³¹ KALE, S. (2021). Muscles and methane: How protein became the food industry’s biggest craze. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/food/2021/sep/15/muscles-and-methane-how-protein-became-the-food-industrys-biggest-craze> (Acedido a 15 de Setembro de 2021)

desvanecimento para o âmbito da proibição, cuja justificação, como vimos, tende a afirmar a falta de higiene e a protecção do bem comum enquanto motivações bem intencionadas.

É incontestável o lugar que a alimentação ocupa na contemporaneidade. Quer como prática de afirmação pessoal (identitária), quer se encontre na esteira dos processos de diluição de fronteiras (entre territórios, sujeitos, corpos, entidades, etc.), a transversalidade do alimento torna-o *locus* de agência própria e objecto manipulável no meio de outros objectos. Assim como é incontestável a atenção dada à alimentação, é inegável a profusão de problemas e posicionamentos estendidos aos que, como aqui se pretende, dedicam tempo de reflexão ao *alimentar*. Ao figurar como substantivo, o *alimentar* designa a teia de relações estabelecidas através de alimentos, independentemente da posição (sujeito-objecto) por si ocupada nesse movimento. Com o termo segue-se o fio de uma análise do que na cultura é manifestação de incompreensão acerca do que tantas vezes é chamado a responder por si: o que dizem as escolhas alimentares daqueles que as empreendem? O alimentar informa sobre a comida - o que é produzido, ingerido, digerido ou rejeitado e proibido? Será suficiente ligar uma temporalidade, um limite geográfico ou uma estrutura económica aos padrões de produção, consumo e estilização dos alimentos? Onde se esgota o discurso alimentar que, hoje, dita que a identidade se teça nos esquemas dietéticos propagados pela conectividade global? Mais: porquê colocar a questão do enquadramento cultural da alimentação numa investigação que trata a comunicabilidade na anorexia nervosa? Retomar a perspectiva centrada na compreensão da cultura não é, afinal, fechar uma perturbação alimentar na categoria dos fenómenos, das consequências previstas no exacerbamento do narcisismo ou das epidemias de saúde pública próprias do hipercapitalismo? A estas perguntas só uma formulação incompleta, demasiado genérica para bastar, poderá recentrar a problemática de partida: todas as questões justificam o entendimento vulgar do que transparece na anorexia, mas não chegam para dar conta do que imperceptivelmente a constitui.

Se é pertinente ligar a ambiência cultural em que as perturbações alimentares se disseminam à quantificação dos estímulos que os incentivam, também se reveste de importância o reconhecimento de que o alimento não retém apenas o quadro de inferências lógicas entre o contexto e os seus efeitos no indivíduo. Mesmo ao nível da cultura, isto é, da dimensão partilhada onde se cultivam as práticas de singularização e de integração na colectividade, não bastará inferir que as tendências partilhadas e os mecanismos de produção industrial que moldam os hábitos justificam a emergência da auto-restrição ou da hiper-ingestão. *Comer nada* ou *comer tudo* não são meras reacções ou resultado directo de mecanismos de coerção que o mercado aprimora ao ponto de se tornarem invisíveis. Servirá a alguns trabalhos de investigação a assunção de que o

comportamento globalizado é já essa impossibilidade do excesso, de que, paradoxalmente, o insólito ou a sincronização de tendências opostas no mesmo corpo seria reflexo. Pense-se, por exemplo, no que Laurence Tacou refere, em conversa com René Girard: “Existe uma tendência para ser anormalmente magro e, ao mesmo tempo, anormalmente gordo, se pensarmos nos seios de silicone e nos lábios aumentados”³² (2009: 64). De acordo com essa compreensão - legítima, ainda que simplista -, um corpo anoréctico (excessivamente magro) mostrar-se-ia na ponta do espectro da determinação canónica da beleza, vendo aí o *ser-magro* como uma interpretação desproporcional daquilo que é a missiva geral da cultura: a formosura paradoxal da elegância, do corpo que ocupa pouco espaço e que cabe em todas as roupas. A miniaturização da materialidade incorporada na carne da mesma forma que todo o dispositivo tecnológico se torna infinitamente mais pequeno: corpo invisível, ecrã invisível, conexão infinita. Então, se se perguntar se a anorexia responde a um problema de sincronização ao aparelho capitalista, é natural que uma visão alicerçada nos fenómenos globais responderá que sim, que a métrica da abstracção é de tal modo opressora e invisível que os corpos obedecem já a esse esforço pela optimização do *pequeno*, contra a ostensiva robustez de tudo o que se mostra *grande*.

Para Foucault, a prática política de uma sociedade não constrói os conceitos médicos e a estrutura teórica da(s) patologia(s), sendo o discurso médico aquele que:

“enquanto prática orientada para um certo campo de objectos, que se encontra entre mãos de um certo número de indivíduos estatutariamente designados, devendo exercer, enfim, certas funções na sociedade, se articula em práticas que lhe são exteriores e que não são elas próprias de natureza discursiva³³” (2005: 213).

O mesmo acontece com a análise dos discursos alimentares: a tendência para a agregação das tendências num mesmo substrato cultural revela a interpretação comum de que é o colectivo (o que é partilhado por todos, entre todos) a enformar a alimentação, como se se tratasse de uma prescrição directamente recolhida do político. Deste modo, a dietética funcionaria por dedução a partir do que é dado como influência do sistema, numa lógica de reprodução dos estímulos partilhados entre aqueles que acedem às estratégias de conectividade global. Uma explicação desta natureza, ou seja, uma leitura centrada num princípio de coerência, encarará as escolhas contemporâneas na perspectiva da fragilidade do decisor, que é o mesmo que afirmar a caducidade

³² TACOU, L. (2009). Uma Conversa de R. Girard com M. Anspach e L. Tacou. In R. Girard (2009), *Anorexia e Desejo Mimético*. Edições Texto e Grafia.

³³ FOUCAULT, M. (2005). *A Arqueologia do Saber*. Lisboa: Almedina.

do sujeito fundado na persistência do *Logos*. Da mesma forma que a interpretação imediata do contexto (o “estado das coisas”) se reveste de um pessimismo imponderado que se estende à totalidade da experiência, persiste, na consciência colectiva, a ideia de que hoje se come mal. Esse *comer-mal* traduz-se num desdobramento do que é tido por líquido³⁴ e que, em si, é já uma marca cultural do tempo: come-se mal porque os alimentos estão nutricionalmente empobrecidos face ao estado de plenitude do passado; porque a produção recorre a dinâmicas de subversão da interpretação naturalista dos géneros; porque o transporte danifica a conservação do que é transportado; porque parece existir um fenómeno de iliteracia que leva as populações a fazer escolhas que danificam a sua saúde; porque o mercado incentiva o consumo de produtos excessivamente processados, doces ou salgados; porque a padronização dos corpos potencia o culto do corpo jovem e, na sua prossecução, exacerba a preocupação com o que é ingerido; porque se multiplicam as intolerâncias alimentares e os alimentos fantasmáticos que substituem o original (pão sem glúten, leite sem lactose, café sem cafeína, bolos sem açúcar, carne sem células animais, etc.); porque se agrava o problema da fome mundial; porque há quem cultive a fome e dela se alimente. Todos estes exemplos servem para justificar uma análise discursiva alicerçada no elemento político e na sua prevalência nos padrões alimentares vigentes. A linha que traça a continuidade entre o espaço da cultura e a dimensão propriamente subjectiva *do* comer persegue a possibilidade de se justificarem os modelos de subjectivação resultantes da complexificação da alimentação numa origem única: a dissolução das narrativas tradicionais com a expansão do capitalismo.

No entanto, o que fica de fora é o conjunto de “asperezas múltiplas”³⁵ que fazem dos discursos alimentares uma prática cuja regulação é hoje exercida pelas mais variadas tipologias de especialistas. Essa multiplicidade de formas, actividades, posições e funções não é consequência do que é próprio do hipercapitalismo - a mecânica de replicação e agregação, gerando mais e mais novidade -, mas reflexo do que na própria formação discursiva se constrói a partir do exterior. Se um médico, um nutricionista, um gestor de redes sociais ou uma figura pública têm a sua opinião

³⁴ A propósito da dissolução da ordem no que designa por “pós-modernidade”, Bauman escreve que “O caos e a contingência, que deveriam ser repelidos para lá das fronteiras das ilhas societais da ordem racional, regressam e desforram-se: governam no interior do que se esperara e concebera como sólida morada da Razão (...) A sociedade já não aspira a ser um escudo de protecção contra a contingência: na ausência de poderes dotados de força e de vontade suficientes para tentarem domar a fera da espontaneidade, a própria sociedade se torna sede de caos” (2007: 35)

³⁵ Diz-nos Foucault que o não-dito convocado pelas formações enunciativas não é o oculto por desvelar, tipicamente associados às reminiscências da tradição hermenêutica do/no Ocidente. É, sobretudo, uma dinâmica que funciona na própria linguagem: “Nem oculto, nem visível, o nível enunciativo está no limite da linguagem: não é em si um conjunto de caracteres que se apresentariam, ainda que de maneira sistemática, à experiência imediata; mas também não é, por trás de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz. Define a modalidade do aparecimento da linguagem: a sua periferia mais que a sua organização interna, a sua superfície mais que o seu conteúdo.” (2005: 154)

nivelada, no que ao estatuto da relevância e veracidade opinativa concerne, então não é o sistema a desvirtuar o aconselhamento: é o discurso alimentar a funcionar nos limites da diferença que é, afinal, intrínseca à sua constituição. A percepção comum de que a multiplicidade de informação e de fontes baralha os sujeitos esgota a análise da diferença num projecto que almeja apenas a uniformização do heteróclito, procurando tornar inteligível o que permanecerá estranho. De facto, é estranho que indivíduos conscientemente esfomeados e corpos disformemente engrandecidos pela comida rápida partilhem o mesmo espaço de socialização e, enfim, acedam aos mesmos estímulos de consumo. De forma distinta, também estranha que os corpos esbeltos recuperem formas de confecção ancestrais, como a preferência por refeições e/ou alimentos com poucos ingredientes³⁶, atribuindo-lhes, agora, qualificações cheias de floreios orquestrados pelos magnatas do *marketing* e da publicidade.

O que se propõe é uma reunião do que se joga entre o explícito e o implícito, sabendo que essa alternância contempla aspectos de natureza singular e colectiva. O imperceptível constitui-se nesse interstício entre o discurso organizado do logos e o ímpeto desarticulado do gesto, aproximando-se do que Ricoeur define como prosódia³⁷: os aspectos não verbalizados do discurso, num regime de significação cuja inconstância dificulta a sistematização. Ao referir-se que o imperceptível se encontra no intervalo entre o dito e o não-dito, anuncia-se a possibilidade de uma análise focado nos regimes de significação irreduzíveis à mínima subtracção dos seus elementos. É por ser impossível (ou difícil) decompor, por exemplo, um esgar em elementos mínimos da sua estrutura que a sua comunicação se atém ao lugar singular da enunciação, implicando-se naquilo que é dito e por quem é dito. Vale a pena questionar: onde está então o imperceptível? Está, pois, no sentido adquirido na especificidade do contexto, que é mais do que a instância temporal ou situacional em que é proferido, correspondendo à totalidade subjectiva que informa um projecto de mundo. Retomando o exemplo do esgar, aquilo que se projecta na sua articulação não é uma referência ostensiva, mas um processo de subjectivação que acompanha o que é dito e lhe confere uma singularidade. Desta forma, só assim se dá conta do regime discursivo em que a anorexia se mostra produtiva, desvelada nos modos ambíguos que trazem os sujeitos à presença do que em si se supunha contido. Aproxima-se, de novo, do que Ricoeur encontra na linguagem poética. O

³⁶ Melissa Hartwig, autora da emblemática obra *The Whole 30: The 30 Day Guide to Total Health and Food Freedom* (2015), define a popular dieta restritiva como um caminho para a libertação: “For 30 days, the program eliminates foods demonstrated by science and our experience to promote unhealthy cravings and habits, disrupt your metabolism, damage your digestive tract, and burden your immune system.” (2015: 5-6)

³⁷ Acerca das diferenças entre o regime da fala e o da escrita, Paul Ricoeur destaca a dificuldade de inscrição do acto locutório, cuja força se concretiza na prosódia: “Mas como no discurso falado a força ilocutória depende da mímica e dos gestos e dos aspectos não verbalizados do discurso, a que chamamos prosódia, deve reconhecer-se que a força ilocutória é menos passível de ser inscrita do que o significado proposicional.” (2013: 44)

imperceptível é o elemento desvelado numa análise que revela, mas não explicita na sua integralidade. Explicitar a anorexia é insistir na sua medicalização, enquanto *des-patologizar* se destina ao encontro com o que no sujeito se tece no *comer nada*.

Assim, será a configuração da alimentação uma indicação do que o indivíduo apropria da cultura? O que é que no contemporâneo é inominável e, também por esse motivo, imperceptível? Antes de respondermos, será importante clarificar que o paradoxo da nomeação do inominável se justifica pela confluência do não-dito na linguagem. Quer isto dizer que não há um deslocamento da referência, no sentido em que o discurso do anorético constitui a totalidade por desvelar. Se assim fosse, as suas práticas discursivas redundariam numa materialização da interioridade, como se a subjectividade apontasse somente para o código (do) anorético. Nessas condições, a legibilidade da anorexia estaria disponível apenas para o indivíduo: a sua anorexia seria descodificada dentro de si próprio, sem que uma referência apontasse para o exterior, ou seja, para o que em si constitui mundo³⁸. O não-dito permaneceria silenciado pela força esmagadora da linguagem, da identidade e, claro, da auto-concepção de um sujeito nomeado na sua anorexia. Mais uma vez, a anorexia (e qualquer doença do comportamento alimentar) reduzida a um problema de identidade e de explicitação dos seus códigos endógenos.

Por oposição, a analítica proposta encontra no discurso um meio-termo. De um lado, não encara o discurso na sua estrutura, nem o organiza segundo as infinitas possibilidades de combinação das suas unidades. Por outro lado, também não entrega a análise a uma obscuridade, a um *atrás de* que deve ser explicitado e integrado no *Logos*. Ao indicar-se o inominável segue-se uma operação que compatibiliza a organização do que é propriamente linguístico com o sentido que o excede, na “orla do mistério onde se abre um espaço intersticial infinito entre o que podemos dizer e o que não é possível nomear adequadamente.” (COSTA, 2020: 21)

³⁸ “Para mim, o mundo é o conjunto das referências desvendadas por todo o tipo de texto, descritivo ou poético, que li, compreendi e amei.” (RICOEUR, 2013: 56)

³⁹ COSTA, J. (2020). *À Sombra do Invisível*. Documenta.

3. Metodologia

3.1. Método de Recolha e Análise de Dados

O método de recolha de dados pressupõe dois momentos: um de natureza clínica (paciente-médico) e outro realizado na óptica do paciente, que se desdobra em duas possibilidades, tendo em vista o elemento imperceptível da comunicação. Na primeira, serão conduzidas entrevistas acompanhadas por profissionais de saúde. Depois, insistir-se-á na condução e registo de entrevistas anónimas, num registo que se assemelha ao da conversa livre, realizadas fora do contexto clínico, em estreita articulação com o levantamento de documentação em arquivo (ordem da não publicação e da intimidade). Note-se que o objetivo do cruzamento do material recolhido nas duas tipologias de entrevista e recolha documental parte da assunção de que será possível encontrar dinâmicas comunicacionais comuns entre si, reportando sobretudo aos elementos paroxísticos que poderão subsistir.

A segunda fase da recolha de dados poderá, mediante os constrangimentos existentes no primeiro momento, funcionar como instante singular de obtenção de informação. Esta fase corresponde à construção de uma plataforma de auto-inscrição (sítio) *online*, tendo como fundamentos: a elaboração de um sítio *online* com submissão de registos anónimos (ficheiros áudio, texto, imagem, *multimedia*, etc.) e o seu enquadramento na óptica do fragmentos não-trabalhado da elaboração de si (uma imagem isolada, uma frase, etc.). A plataforma assume a valência de subsistir enquanto projecto que atesta o valor da investigação em curso: no futuro, constituir-se-á como espaço de inscrição do processo investigativo, sendo local de partilha e de reunião de publicações, experiências e, claro, de elaboração de esclarecimento quanto à compreensão da anorexia nervosa em Portugal.

Algumas considerações devem ser feitas quanto à metodologia de análise dos dados recolhidos. No eixo de interligação às modalidades da cultura contemporânea, far-se-á uma análise discursiva e uma análise semiótica: a primeira tratará de problematizar a subjectivação a partir dos modelos teóricos vigentes e a segunda insistirá na identificação dos elementos imperceptíveis da comunicabilidade. Ao conjugar os dois modos empreende-se o que designamos como fio condutor da investigação: a possibilidade de uma analítica da comunicabilidade na anorexia nervosa.

Dever-se-á salientar que se excluem os dados empiricamente recolhidos no que consideramos ser plataformas de estilização da patologia, uma vez que tendem a funcionar apenas na perspectiva identitária (auto-biografias, registos publicados em redes sociais *online*, etc.). A

exclusão prende-se com o facto de estes registos tenderem para uma apresentação estanque da anorexia nervosa e, para além disso, qualquer imagética não permitirá um entendimento actuante das suas dinâmicas constitutivas.

3.2. Estrutura da Investigação

Na esquematização do trabalho foram tidos em conta alguns critérios: dificuldades de deslocação, distensão das tarefas propostas e recursos necessários para a consumação dos fins. Ao abrigo da atribuição de uma bolsa de investigação, as tarefas aqui apresentadas poderão ser realizadas no contexto da articulação com centros de investigação fora do âmbito nacional. Por isso, uma divisão em blocos temporais de aproximadamente seis meses permitirá a realização da investigação de acordo com um princípio de maturação necessário ao enquadramento dos dados numa proposta de pensamento.

No que à indicação do trabalho de campo diz respeito, sublinha-se a sua correspondência temporal com o início da construção da plataforma. Justifica-se que o início da recolha de dados seja simultâneo, já que o confronto entre elementos encontrados subsistirá na sua pujança se não existir um desfasamento temporal relevante aquando do enquadramento teórico posterior. Acresce o facto de a publicação da plataforma constituir um dos momentos finais da investigação e, portanto, contemplar-se-á a exigência da sua edificação.

De uma forma global, já estabelecemos a estrutura tripartida da investigação (Anexo 2.) como uma possibilidade de compatibilizar os blocos conceptuais a que nos dirigimos com uma metodologia que aspira à transdisciplinaridade. Nesse sentido, o esqueleto propõe quatro divisões, onde três são de natureza teórica e uma se dirige à recolha e análise dos dados. Importa esclarecer que a concepção de divisões revela a possibilidade de cada uma funcionar autonomamente enquanto problematização teórica, assumindo-se, desde logo, a sua posterior publicação do (Anexo 3.).

3.3. Significância da Investigação

Tal como o resto do trabalho, a justificação da significância da investigação está repartida em universos de experiência distintos: dimensão clínica, comunicacional e cultural.

Ao procurar fazer um levantamento das insuficiências existentes no enquadramento teórico da anorexia nervosa, revelam-se as fragilidades inerentes ao modelo psiquiátrico vigente, que privilegia a aceção psicanalítica do fenómeno e os modelos comportamentais da psicologia. A isso acresce o facto de a conceptualização e hipóteses explicativas de índole cultural não integrarem as dinâmicas actuates, saltando por cima da subjectivação enquanto núcleo fundacional da patologia. Por fim, dirigindo-se apenas à esfera da representação identitária, os modelos teóricos vigentes prestam-se a uma compreensão da anorexia nos termos da vulgarização cultural, num processo semelhante ao da criação e disseminação de estereótipos.

Por oposição, uma analítica da comunicabilidade consiste num contributo da dimensão comunicacional ao nível da circunspecção do âmbito heteróclito da anorexia nervosa, já que o elemento imperceptível poderá compreender modalidades comunicacionais habitualmente ignoradas ao nível da especificidade clínica e das hipóteses explicativas do âmbito cultural. Não sendo um novo programa de diagnóstico, a revelação da imperceptibilidade poderá agregar-se aos procedimentos levados a cabo no rastreio de potenciais distúrbios alimentares. Há, portanto, a assunção de possibilidade de apresentação de um contributo inovador ao nível da comunicação clínica: a investigação contempla, no seu horizonte de expectativas, uma dimensão iminente informativa e, por outro lado, uma dimensão relacional, já que subsiste a intenção de melhorar a relação paciente-clínico.

No que à comunicação diz respeito, o contributo da investigação passa pela explicitação da prioridade onto-ontológica da questão da imperceptibilidade na correlação entre a subjectividade contemporânea e a subjectividade anorética. Ao propor-se uma correspondência entre a metodologia e o argumento atesta-se o descolamento do imperceptível da comunicação, o que significa que a análise discursiva e a semiótica propõem uma forma de acesso à experiência que, tal como a subjectividade, é actuate. A natureza transdisciplinar aponta, aliás, para a possibilidade de reunir as Ciências da Comunicação no âmbito da investigação das doenças do comportamento alimentar no contexto português.

Referências Bibliográficas

American Psychiatric Association. (2013). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5* (5ª. ed.). Brasil: Artmed.

AOUAD, P. Et al. (2021). Chew and Spit (CHSP) in bariatric patients: a case series. *Journal of Eating Disorders*, 9:89. <http://doi.org/10.1186/s40337-021-00441-5>

BARTHES, R. (1987). *Mitologias*. Lisboa: Círculo de Leitores.

BARTHES, R. (2009). *O Prazer do Texto precedido de Variações sobre a Escrita*. Edições 70.

BEHAR, R., ARANCIBIA, M. (2015) The Spiritual Dimension of Anorexia Nervosa: Clinical and Therapeutic Implications. In C. Roberts, *Spirituality: Global Practices, Societal Attitudes and Effects on Health*, 253-272. Nova Science Publishers.

BOUÇA, D. (2018). Compreender a Dor a Propósito de um Caso de Anorexia Nervosa Crónica, *Philosophica*, 52, 89-97. Departamento de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BOURDIEU, P. (1991). *Language and Symbolic Power*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

BRITO, M.J. (2001). *Quem Arisca Não Petisca: Uma Interpretação Psicanalítica da Anorexia Nervosa*. Almedina.

CALLEGARI, A., SCAPARRA, D. (2000). *Como enfrentar a anorexia e a bulimia*. Lisboa: Editorial Estampa.

CARMO, I. (1994). *A vida por um fio*. Lisboa: Relógio D'Água.

CARMO, I. (2020). *Alimentação - Mitos e Factos. Uma perspectiva científica*. Oficina do Livro.

COELHO, J.S., SUEN, J., MARSHALL, S. *et al.* (2021, Setembro 15). Gender differences in symptom presentation and treatment outcome in children and youths with eating disorders. *Journal of Eating Disorders*, 9, 113. <https://doi.org/10.1186/s40337-021-00468-8>

COSTA, J. (2020). *À Sombra do Invisível*. Documenta.

DERRIDA, J. (2016). *Of Grammatology* (G. Chakravorty Spivak, trad.). Baltimore: John Hopkins University Press.

DERRIDA, J. (2000). O Exorbitante: uma questão de método. In I. Borges-Duarte., F. Henriques., I. Matos Dias (org.), *Texto, Leitura e Escrita: Antologia* (pp. 193-206). Porto: Porto Editora.

DERRIDA, J., FERRARIS, M. (2006). *O Gosto do Segredo*. Fim de Século.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. (2008). *Mil Planaltos: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. (trad. de Rafael Godinho). Lisboa: Assírio e Alvim.

DUCROT, O., TODOROV, T. (1991). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Publicações Dom Quixote.

E MOURA, E. (2005/1947). *Anorexia Mental - Edição fac-similada*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

FIORES, T. (1994). Anorexia Nervosa e Adolescência. In I. Carmo (org.), *A vida por um fio*. Lisboa: Relógio D'Água.

FORSÉN, M., BIREGARDS, A. (2015). The enemy within: the association between self-image and eating disorder symptoms in healthy, non help-seeking and clinical young women, *Journal of Eating Disorders*, 3. Disponível em: <https://jeatdisord.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40337-015-0067-x>

FLAUHAULT, F. (1979). *A Fala Intermediária*. Lisboa: Via Editora

FOUCAULT, M. (2005). *A Arqueologia do Saber*. Lisboa: Almeida.

GIL, J. (2008). *O Imperceptível Devir da Imanência*. Lisboa: Relógio D'Água

GUATTARI, F. (1992). *Chaosmosis: an ehtico-aesthetic paradigm*. Indiana University Press.

GUATTARI, F. (2000). *The Three Ecologies*. London: The Athlone Press.

HEIDEGGER, M. (2009). *Logic as the Question Concerning the Essence of Language*. State University of New York Press.

HEIDEGGER, M. (2010). *Being and Time*. State University of New York Press.

- HEIDEGGER, M. (2001). *Poetry, Language, Thought*. Nova Iorque: Harper Perennial.
- JAPPE, A. (2019). *A Sociedade Autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. Lisboa: Antígona.
- KALE, S. (2021). Muscles and methane: How protein became the food industry's biggest craze. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/food/2021/sep/15/muscles-and-methane-how-protein-became-the-food-industrys-biggest-craze> (Acedido a 15 de Setembro de 2021)
- KRISTEVA, J. (1980). *Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- KRISTEVA, J. (1982). *Powers of Horror: An Essay on Abjection*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- LABELLE, B. (2014). *Lexicon of the Mouth: Poetics and Politics of Voice and the Oral Imaginary*. Londres: Bloomsbury Academic.
- LEGRAND, D. (2011). Ex-Nihilo: Forming a Body Out of Nothing. In R. Negarestani., R., Mackay., *Collapse: Philosophical Research and Development*. Urbanomic Falmouth.
- LLOYD, E. et al. (2018). Predicting the restrictive eating, exercise, and weight monitoring compulsions of anorexia nervosa. In *Eating and Weight Disorders - Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity* (2020), 25, 701–707.
- MACHO, T. (2021, Junho-Setembro). A Crítica Metabólica de Pasolini. *Electra*, 145-157.
- MIRANDA, J. (2008). *Política e Modernidade*. Edições Colibri.
- O'CONNOR, R. (2013). De-medicalizing anorexia: Opening a new dialogue. In C. Counihan., P. Van Esterik (org.), *Food and Culture: a reader* (pp. 276-283). Routledge.
- PERULLO, N. (2012). *Taste as Experience: The Philosophy and Aesthetics of Food*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- PRADO COELHO, A. (2021, Junho-Setembro). A forma como me alimento é imoral? *Electra*, 101-120.
- TETSURO, W. (1961). *Climate and Culture: A Philosophical Study*. Greenwood Press.
- TONON, R. (2021, 27 de Agosto). Pensar a dieta do amanhã. *E - A Revista do Expresso*, 31-39.

TREASURE, J., SCHMIDT, U., VAN FURTH, E. (2003). *Handbook of Eating Disorders*. John Wiley & Sons.

SCHMIDT, E., MATA, G. (2008). Anorexia Nervosa: Uma Revisão. In *Fractal: Revista de Psicologia* (2008), 20, 2, 387-400.

SEQUEIRA, C. (2016). *Comunicação Clínica e Relação de Ajuda*. Lidel.

STIEGLER, B. (2018). *Da Miséria Simbólica: I. A Era Hiperindustrial*. Orfeu Negro.

Anexos

Anexo 1. Esquema indicativo das questões de investigação.

Questões Orientadoras	Sub-questões
1. Quais são as dimensões constitutivas do processo de subjectivação na anorexia nervosa?	<p>1.1. Quais são as dinâmicas de subjectivação transversais à anorexia nervosa?</p> <p>1.2. Qual é a natureza da correlação entre o modelo teórico de diagnóstico e o enquadramento comunicacional da anorexia nervosa?</p>
2. De que forma se manifesta o elemento imperceptível da comunicação na anorexia nervosa?	<p>2.1. De que forma a comunicabilidade imperceptível fundamenta (ontologicamente) a subjectividade anoréctica?</p> <p>2.2. Quais são e como identificar os marcadores específicos da comunicabilidade imperceptível na anorexia nervosa?</p> <p>2.3. De que forma se manifesta a articulação <i>fala-comida</i> no espaço da boca?</p>
3. É possível identificar uma correlação entre as dinâmicas de subjectivação contemporâneas e a constituição do sujeito-anoréctico?	<p>3.1. Quais são os elementos comunicacionais comuns à subjectividade anoréctica e à subjectividade contemporânea?</p> <p>3.2. De que forma é que a comunicabilidade imperceptível na anorexia nervosa constitui uma forma de comunicabilidade burguesa?</p> <p>3.3. Como é que as práticas de estilização ecológica (cuidado macroscópico) manifestam uma exponenciação da estilização do indivíduo (cuidado de si) no plano da cultura?</p>

Anexo 2. Esquema indicativo da estrutura da investigação.

Estrutura: divisões e sub-divisões previstas
Delimitação do Âmbito: Introdução
Revisão de Literatura: Aparelho Conceptual
Divisão 1. Imperceptível e Atético:
1.1. Da Comunicabilidade Imperceptível.
1.2. A Via da Negação na Constituição de Si.
Divisão 2. Subjectividade Anoréctica:
2.1. As Insuficiências da Auto-Objectificação Anoréctica.
2.2. Agramaticalidade, Paroxismo e Interrupção: um nada produtivo.
Divisão 3. No Campo da Linguagem: Recolha e Análise de Dados
Divisão 4. Subjectividade Contemporânea: A correlação entre a anorexia nervosa e a subjectividade burguesa.
Conclusão

Anexo 3. Proposta de Cronograma da Investigação

